

TELA CRÍTICA



“Indivíduo e Sociabilidade no Turbilhão da Mundialização do Capital”

Análise crítica do filme “Esquecer Cheyenne”, de Valérie Minetto (2006)

Ariovaldo Santos¹

O que se convencionou chamar pela expressão “o mundo do trabalho”, tornou-se, ao longo das últimas décadas, não apenas objeto de interesse da produção acadêmica, mas, também, da esfera cinematográfica. É assim que, apenas a título de exemplo e estabelecendo um recorte possível, e porque não dizer, arbitrário, desde *Ou Tudo ou Nada*, filme de 1997, a temática do trabalho tem se apresentado de múltiplas formas, tendo por pano de fundo a mundialização das economias, o desenvolvimento das novas

¹ Ariovaldo Santos é professor-doutor de sociologia da UEL (Universidade Estadual de Londrina).

TELA CRÍTICA

tecnologias e seus impactos em setores tradicionais da classe trabalhadora, bem como a reestruturação produtiva, entre outras questões que permeiam o debate.

Distintos entre si no encaminhamento das questões envolvendo as transformações ocorridas nas últimas décadas no universo do trabalho assalariado, a esfera das relações sociais no espaço da cotidianeidade são, no entanto, articuladas majoritariamente, nas produções recentes, a partir de um referencial básico: a família nuclear tradicional, isto é, aquela na qual se sobressaem uma esposa, um marido, filhos, além de parentes, amigadas femininas para as mulheres e masculinas para os homens. Caminho que se apresenta diverso em *“Oublier Cheyenne”*, filme francês de 2005, onde as questões envolvendo o trabalho, no plano social, além das mais especificamente existenciais, no plano individual, comparecem através da relação homossexual de aproximação e distanciamento mantida entre Sonia, professora de classe média e Cheyenne, jornalista desempregada. Guinando radicalmente o núcleo a partir do qual a mundialização do capital tem impactado social e individualmente a força de trabalho, é a partir de uma união apreendida como não tradicional, em detrimento da chamada família nuclear burguesa, que a trama se desenvolve.

O roteiro é simples. Entre Sonia e Cheyenne há a cumplicidade de uma relação amorosa intensa, que, no entanto, a exemplo dos casais monoparentais, sofre também seus desgastes do dia a dia, não estando imunes, igualmente, aos efeitos provocados pelas flutuações econômicas cotidianas, em um momento em que o capital se mundializou. Atuando como obstáculo entre ambas, a presença de formas distintas de pensar o que é ser feliz. Para Cheyenne, o grande impeditivo para o relacionamento não são os seus sentimentos por Sonia, e sim o fato desta representar tudo que a seus olhos merece ser repudiado: uma vida pequeno-burguesa que só contribui para alimentar a sociedade que vive da produção de mercadorias. Daí a busca de caminhos emancipatórios desconectados das possibilidades reais colocadas pelo capitalismo avançado. Para Sonia, o obstáculo consiste em isolar-se deste universo para adotar uma vida de renúncia a conquistas civilizatórias, ainda que estas estejam sob o comando do capital. Instaure-se, a partir daí o impasse, que comandará a trama até um esperado desfecho. Ainda que parta, desde seus primeiros diálogos, do universo homossexual de Sonia e Cheyenne e as relações paralelas que acabam por estabelecer enquanto não definem os

TELA CRÍTICA

rumos dos sentimentos que sentem, esta questão não se transforma, porém, na temática central desta produção francesa. Constituem em realidade apenas o pano de fundo, no qual se desvenda o fato de que ao capital, pouco importam as relações intersubjetivas instituídas pelos seres sociais em suas paixões ou amores cotidianos. Em seu movimento, ele unifica realidades ao subordinar homens e mulheres aos seus desígnios e mortificações. Dito de outro modo, a questão central de *Oublier Cheynne* só se explicita efetivamente quando se insere no drama de ambas a materialidade social na qual estão inscritas. Movimento através do qual se revela como a dinâmica da vida econômica pode aportar impactos negativos nas relações afetivas e intersubjetivas dos indivíduos no cotidiano, independentes de se tratarem das relações familiares tradicionais ou de relacionamentos envolvendo o mesmo sexo.



A fim de não ser reduzido a um manifesto em prol das relações amorosas homossexuais, o modelo clássico de família não é extirpado de *Oublier Cheynne*, ainda que compareça de maneira bastante breve. Assim, logo às primeiras cenas, um candidato a tornar-se parceiro de Sonia, mesmo conhecendo sua homossexualidade, observa através da janela de seu pequeno apartamento um casal que janta e, em pensamento, emite o seguinte julgamento:

TELA CRÍTICA

Jovem: “Idiota afortunado, tem uma esposa e nem sequer olha para ela. Não se importa. Só olha para seu prato”.

Como se percebesse estar sendo observado e julgado, ou como se tivesse ouvido o juízo emitido pelo jovem, estabelece-se no apartamento onde jantam o marido e a esposa a seguinte situação:

Marido: “Escute... estou fatigado, trabalho para viver. Sou responsável por trabalhadores à escala europeia. Tenho jornadas de trabalho que você não pode imaginar. Para mim, o setor financeiro não é divertido. E, depois, se eu olho para meu prato e porque eu me importo com o que eu como. Minha mulher, já faz dez anos que eu a conheço. Eu a vejo todos os dias”.

Esposa: “Sim, mas, você sabe, a gente muda em dez anos. É verdade, você poderia me olhar de vez em quando”.

Marido: “É verdade. Eu prefiro não te olhar de perto. O tempo nos mudou e após tudo nós tornamo-nos cúmplices, e é tudo”.

Lacônica, a situação é densa de significados. Há, efetivamente, o desinteresse possível para o desgaste de um dos parceiros pelo outro. No entanto, o desgaste vivido encontra-se, neste caso, intensificado pelas exigências do capital. Primeiramente, destaque-se a condição de esgotamento físico e mental do marido, ao se confessar “fatigado” e que “trabalha para viver”. Além disso, sobre ele pesam responsabilidades de se ocupar de outros trabalhadores, situação na qual o esgotamento físico e mental une-se à tensão permanente, típica cada vez mais do capitalismo contemporâneo, e suas exigências contínuas e crescentes de lucratividade a todo custo. Fato agravado pela existência de jornadas de trabalho longas em um dos setores mais vorazes do atual ciclo de

TELA CRÍTICA

acumulação de capital: o financeiro. E, emerge daí, mais um momento do ardil do trabalho, na contundente e crua afirmação de que “o setor financeiro não é divertido”. Desse modo, vivendo seu cotidiano monótono, repetitivo e desinteressante, no qual tem de lidar continuamente e diariamente com outras pessoas, nos únicos espaços em que pode fazer fluir a afetividade, sua existência se manifesta de maneira estranhada, a ponto de alimentar o afastamento da esposa, tornada sua “cúmplice” no processo e menos importante do que um prato de comida que, no fundo, lhe repõe as energias físicas e mentais para dar continuidade no dia seguinte à sua existência sem sentido. Expressão significativa do movimento no qual as coisas ganham vida e a vida se transforma em coisa.



Ao capital pouco importa o sexo ou as formas de união entre os casais. Razão pela qual o drama exposto pelo marido encontra suas ramificações, também, na vida de Cheyenne e sua nova realidade de desempregada. Efetivamente, não é por ser homossexual que ela perdeu o emprego (ainda que isto, no mundo real, possa ocorrer), e sim por fazer parte da mesma forma de sociabilidade vivida e explicitada pelo marido à mesa de jantar. Ambos encontram-se imersos nos quadros da mundialização do capital e as oscilações entre crescimento e crise econômica que marcam o atual estágio da acumulação.

TELA CRÍTICA

Assim, não é através do desinteresse sexual de ambas as mulheres que se explica a separação física (uma vez que continuam unidas em pensamento) entre Sonia e Cheyenne e sim pela lógica de mercado. Resgate-se, neste sentido, o diálogo travado por Sonia com Beatrice, personagem que encontra em um bar homossexual destinado a mulheres e com quem manterá um breve *affaire* tentando esquecer Cheyenne. Mais uma vez, atente-se ao diálogo travado e que tem seu centro nos esforços estabelecidos por Beatrice a fim de descobrir as razões pelas quais Sonia afastou-se de Cheyenne:

Beatrice: Então, deixe-me adivinhar. Ela te enganou com um homem?

Sonia: Não.

Beatrice: Foi com uma mulher então?

Sonia: Também não foi isso.

Beatrice: Ela era alcoólica ? drogada !

Sonia: Nada disso, muito pelo contrário.

Beatrice: Ah, muito virtuosa, então...muito.

[...]

Sonia: Algo assim, mas não exatamente.

Beatrice: Dê-me uma pista.

Sonia: Foi uma fusão que nos separou.

Beatrice: Fusão? Ela tornou-se vulcanóloga e caiu em uma cratera!

Sonia: Não, foi uma “fusão” econômica.

Beatrice: Ela assumiu o comando de uma sede em Singapura...!?

Sonia: Não, ela não assumiu o comando. Ela foi demitida, “redução de pessoal”.

Beatrice: E ela fazia o que?

Sonia: Era jornalista. Era boa, muito. Não conseguiu encontrar outro trabalho, o seguro desemprego acabou. Bom, quando não se tem dinheiro é difícil

TELA CRÍTICA

de pagar a fatura. Telefone, eletricidade. Sobretudo se você não quer ser ajudado. Assim, ela decidiu tentar sem ajuda, converteu-se a uma filosofia. Agora usa luz de velas. Felizmente que ela tem uma chaminé senão seguramente morreria de frio. Na primavera não sei como ela vai fazer. Em todo caso, no momento eles não a podem expulsar. Eu lhe propus de morar comigo, mas ela julga que eu sou uma vendida ao capital. Da minha parte, cansei de passar frio, parti.

Efetivamente, em seu movimento de produção e auto-reprodução, para o capital pouco importa que sejam homens ou mulheres a serem descartados. Entretanto, este movimento possui especificidades em cada momento de seu desenvolvimento, e a situação de desemprego de Cheyenne se amarra a esta dimensão. Observe-se que é na dinâmica das fusões de empresas e liofilização dos quadros de funcionários, isto é, o enxugamento ao máximo do número de trabalhadores em uma empresa, que é tecida a trama na qual vai ser enredada Cheyenne. Prática tornada comum na dinâmica do capital nas últimas décadas, embora estejam presentes em outros momentos da acumulação capitalista, as fusões de empresas têm aportado, ainda, outro elemento de reflexão. Trata-se aqui do fato de atingir trabalhadores da base da escala salarial, mas, também, os que detém uma formação técnica e superior, ou seja, a força de trabalho em seus estratos médios. Cheyenne não é apenas uma profissional da comunicação e sim, uma “boa jornalista”. Dito de outro modo: Cheyenne detinha qualificações, julgadas, no entanto, insuficientes para as necessidades do mercado (empregável) e as exigências da empresa que se fundiu para sobreviver na concorrência acentuada estabelecida nos quadros da mundialização do capital. E, neste aspecto, a vida de Cheyenne se entrelaça, em sentido oposto, mas não ao extremo, ao do marido fatigado na mesa de jantar. O fato de serem estratos médios não impede que ambos sintam, na carne, os efeitos do capital sobre suas respectivas individualidades. Quem está dentro, tem diante de si a realidade da exploração intensiva e extensiva de sua força de trabalho. Quem está fora de uma

TELA CRÍTICA

relação de emprego, vivencia a agrura resultante de não sofrer mais a exploração do capital e, menos ainda, de ser útil a este último. Destruição de tal grau que Sonia reconhece como agente da separação um elemento ao qual nem ela nem Cheyenne podem controlar individualmente: o movimento avassalador da economia, resumido por ela na afirmação de que não foi um homem, outra mulher, o álcool ou drogas que as distanciaram, e sim uma “fusão econômica” com a conseqüente “redução de pessoal”.

No drama do marido que se contenta em olhar para seu prato de comida, ou no de Cheyenne, extirpada do mercado de trabalho pelo enxugamento de pessoal de uma empresa, manifesta-se, ainda, outro problema comum. Apesar de tudo o que possam afirmar os estudiosos da chamada “questão de gênero”, o problema central continua a ser mediado pela posse ou não dos meios de produção e, enquanto tal, sua essência permanece determinada pelas relações sociais de classe, mesmo que os seres sociais que participem do processo, enquanto trabalhadores assalariados, não percebam no plano do empírico imediato este eixo central para a compreensão do problema posto e repostado no plano da cotidianidade.



As respostas dadas no plano subjetivo ao movimento de mundialização do capital apresentam-se no plano da cotidianidade extremamente elásticas. Inserida no mercado

TELA CRÍTICA

de trabalho, Sonia, assim como o trabalhador responsável por gerenciar a vidas de trabalhadores por toda a Europa é a de seguir passo a passo, mesmo que de modo resignado. Outro é o caminho adotado por Cheyenne, cuja desilusão com a sociedade capitalista não serve de fonte para engrossar o protesto coletivo de três milhões de desempregados que, a certa altura, ela mesma admite existir. A resposta de Cheyenne à sociedade do fetiche é operacionalizar com a construção com novas formas de fetiche social, através da adoção de uma crítica romântica à sociedade do capital, efetivada através da tentativa de voltar aos primórdios da sociabilidade, ao momento em que as relações sociais e a existência biológica cotidiana não eram mediatizadas pela lógica do valor e pelas relações monetárias. Alternativa que brota mais do desespero pequeno burguês do que de uma reflexão consciente sobre as possibilidades de agir enquanto tal. Observe-se, por exemplo, a fala de Sonia em sua conversa com Beatrice, ao afirmar que Cheyenne converteu-se “a uma filosofia” de vida, à medida em que não encontrou um novo posto de trabalho e o seguro desemprego se extinguiu. Derivando disto a iniciativa de viver à luz de velas. Posição desesperada que se explicita através da própria Cheyenne ao receber a visita de Sonia, no longínquo vilarejo em que mora. O irracionalismo de Cheyenne leva ao extremo de negar conquista civilizatórias.

Cheyenne: Vão cortar a eletricidade.

Sonia: Merda! Você quer que eu pague esta fatura ?

Cheyenne : Não ! Você não vai pagar nada de nada.

Eu me recuso de viver às custas de seja lá quem for.

Sonia: Como você vai fazer?

Cheyenne: Eu vou viver sem eletricidade. É simples.

Nós vivemos séculos sem eletricidade. Não é um problema. Sem telefone, sem computador, sem todas estas coisas de merda ! Venderei tudo isto, só serve para gastar mais. Você, para de me encher o saco com teu dinheiro. Eu não quero o teu dinheiro.

[...]

TELA CRÍTICA

Sonia: Deixe-me ver esta fatura.

Cheyenne: Você pare de falar de conta. Eu não quero mais ouvir falar de conta. Eu jamais vou pagar de novo uma conta na minha vida.

[...]

Não tenho mais dinheiro, você não compreende? Nada de trabalho, nada de desemprego, nada de dinheiro. Você não vê que não há lugar para todo mundo. Eu também, venho da rua.

Sonia: Para com estas besteiras. Eu te pago a conta neste momento porque você não pode. Isto não quer dizer que esteja vivendo às minhas custas. Você me devolve quando você encontrar trabalho.

Cheyenne: Faz um ano que eu procuro. Não há trabalho. Isto é possível da tua cabeça de professora entender? Há três milhões de desempregados, não sei se você sabe disto!?

Sonia: Pare de gritar.

Cheyenne: Eu grito o quanto eu quiser.

Na sua revolta, não é a perspectiva de um futuro que anima a cotidianidade de Cheyenne e sim a perspectiva de ressuscitar o passado. Postura não apenas reacionária, uma vez que pautada na tentativa de resgatar um passado superado historicamente, mas também equivocada, uma vez que pautada na compreensão de que é possível viver com total independência em relação à materialidade social dominante e, mesmo, desconsidera a possibilidade de uma resposta coletiva de luta ao problema posto a ela e a milhões de outras individualidades que se encontram no desemprego.

Cheyenne não desconhece a situação concreta produzida pela mundialização do capital e esta impossibilidade está dada, inclusive, no fato de que sua companheira de “existência alternativa” à sociedade de consumo proposta pelo capital é também uma ex-trabalhadora saída das camadas médias e mais “qualificadas” de trabalhadores.

TELA CRÍTICA

Assim, depois de coletarem restos de alimentos em final de feira, a realidade volta a bater à porta de Cheyenne, através de Edith, também ex-jornalista mergulhada no desemprego de longa duração:

Edith: o sistema é global. Todos falam de solidariedade mas, efetivamente, te marginalizam. O que eu sei é que o mundo é podre. Eu quero viver como eu quero, de acordo com minha cabeça. E eu não penso em fazer avançar um centímetro qualquer esta máquina apodrecida.

Leitura de mundo equivocada, não apenas por desconsiderar os reais mecanismos de funcionamento, de produção e reprodução da forma de sociabilidade que pretende criticar, mas ainda por operacionalizar com a liberdade abstrata, reduzindo-a ao plano da consciência pura, isto é, uma forma de atuar no mundo em total desconsideração sobre os mecanismos efetivos de funcionamento deste mesmo mundo. Idealismo no qual é acompanhado por Cheyenne em sua crítica ao modo de vida adotado por Sonia:

Cheyenne: Sonia, você me escuta?

[...]

Para que serve um professor Sonia. Você verdadeiramente se colocou a questão? Em princípio, você poderia lhes interessar cinco minutos. Mas o que são cinco minutos em relação à televisão?

[...]

Você não os fará escapar do caos. Então, por que você trabalha? Quando você compra coisas para consumir, faz rodar a máquina.

[...] Você sabe que não pode continuar deste jeito.

[...]

Sonia, você me escuta. É a única forma de resistência possível. Pare de consumir. Pare de

TELA CRÍTICA

produzir coisas inúteis, pare de fazer a propaganda passiva. Eu sei que você sabe. Eu desejaria que você acredite.

As alternativas propostas por Cheyenne, as quais resultam do aprisionamento de sua consciência ao plano do pensamento puro, isto é, uma resposta à realidade concreta sem levar em consideração o que é objetivamente a sociedade a qual critica, resulta, porém, de uma desilusão real e da percepção imediata de que a precariedade e a precarização das suas condições de existência tende a se acentuar diante da dinâmica econômica em curso. Fato que apenas contribui para acentuar seu desespero nihilista. Porém, é um desespero que resulta da experiência real travada no mercado de trabalho. No plano imediato, a perda do emprego e sua transformação em desemprego de longa duração, o que, no limite, teve por consequência transformar, tanto Cheyenne quanto sua companheira de infortúnios Edith, em desempregadas desencorajadas, ou seja, profissionais que diante dos insucessos de se reintegrarem ao mercado de trabalho, acabam adotando a postura de recusa permanente à busca de um novo emprego.

Contribui ao mesmo tempo para a posição desesperada de Cheyenne e Edith outro fato objetivo. A regressão, nas últimas décadas, da instância sindical e partidária como capazes de realizar a defesa dos interesses dos trabalhadores assalariados dos diversos estratos. O atual debate sobre a crise sindical não é motivado por uma ficção, e sim pela perda de representatividade, nos diversos países, da capacidade dos sindicatos em responderem aos problemas provocados concretamente pelas fusões de empresas, terceirizações, desestruturação de antigos redutos combativos de trabalhadores, perda progressiva de efetivos e, inclusive, de militantes, entre uma gama de outros problemas que têm acompanhado, sobretudo dentro do espaço acadêmico, a reflexão sobre a questão das transformações no mundo do trabalho.

Ainda neste plano, as posições de Cheyenne e Edith, são expressão desta realidade. Daí a crença de que é “impossível escapar do caos”, a inutilidade da atividade “trabalho” e a compreensão equivocada de que a “resistência passiva” é a única forma possível de luta. Um descontentamento que se estende pelo tecido social e o impregna de tal modo que

TELA CRÍTICA

uma das formas tradicionais de luta utilizada pelos trabalhadores é retida em meio a dúvidas ou receios por diversos personagens que compõem a trama.

[Diálogo com a jovem estudante com Sonia].

Estudante: Madame, posso lhe falar?

Sonia: Claro.

Estudante: Queria lhe dizer adeus, vou deixar a escola. Meu pai está desempregado e eu encontrei um trabalho a partir do próximo mês.

Assim, em determinado momento de Oublier Cheyenne, o jovem que deseja relacionar-se com Sonia dialoga com uma estudante que reclama das péssimas condições da escola. Diante das queixas de falta de professores, condições péssimas das instalações, entre outros problemas, sugere o jovem:

Jovem: É necessário lutar, façam greve.

Estudante: A greve não serviria de nada.

Jovem: Não acredite no que dizem na televisão. Uma greve te leva sempre a alguma coisa, cedo ou tarde.

A desilusão em relação à possibilidade de reverter o processo de degradação social através de formas coletivas de luta, pelo menos as tradicionais, como os sindicatos e os partidos é, no entanto, a leitura dominante. Assim, em visita a Cheyenne, Sonia participa de um jantar no qual está Edith. Durante a conversa, Sonia declara que gosta de viver na cidade, ver gente, no que é contestada por Edith:

Edith: Aproveite, porque tudo vai saltar.

Sonia: O que?

TELA CRÍTICA

Edith: Tudo isto vai explodir! Boom. As outras pessoas...Esta é a grande fraude. Te explicam que é necessário cotizar pelos outros, por aqueles que não trabalham e para os que estão doentes. Mas no dia em que você perde teu emprego você se encontra sem direito em menos de cinco minutos. Para onde foi tua cotização ? Dentro do grande buraco da especulação. Você vê, eu prefiro permanecer sozinha e contar comigo mesma. Assim, eu fico segura de não me decepcionar. Eu não tenho desejo de ser explorada por um sistema que só traz benefícios para os acionistas e eu não tenho vontade de me tornar uma acionista [...]. Não quero lhes dever nada. É por isso que eu boicoto o Rendimento Mínimo de Inserção. Mas este é um outro debate.

Assim como Cheyenne, não é a crítica política à sociedade de classes e sim a desilusão com a situação provocada por uma forma de sociabilidade que depassa o nível de compreensão imediata dos indivíduos, ainda que sejam os considerados mais qualificados, que conduz à adoção de uma saída fetichizada à situação social real. Mais ainda, a própria existência social com outras individualidades fica comprometida sem que Edith e Cheyenne compreendam que seu isolamento só é possível, queiram ou não, em sociedade, uma vez que mesmo a alternativa regressiva que encontram só pode ser exercitada à luz de conquistas civilizatórias estabelecidas. Edith, por exemplo, em sua nova vida no campo, caça e retira a pele de um coelho. Porém, o faz usando uma faca, objeto mercantil, e não um pedaço de pedra, como o fariam nossos antepassados nos primórdios da humanidade.

Assim como o marido na mesa de jantar, Edith sente o peso do capital mundializado sobre sua existência cotidiana e a predominância do capital financeiro que, por formas diversas, articula ambas as subjetividades. Enquanto no caso do marido que contempla apenas sua comida o financeiro o leva a uma situação de esgotamento cotidiano, no caso

TELA CRÍTICA

de Edith, o resultado é o desemprego, no que se une a Cheyenne. Ainda que a saída encontrada por Edith seja dada pela leitura fetichizada do mundo, ela capta, no entanto, o fator determinante no atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista: a existência de um regime de acumulação predominantemente financeiro, dominado pela “especulação” e a busca da realização dos interesses sociais reais, uma vez que só interessa a remuneração e o benefício dos acionistas.

Um mundo sem ilusões que evoca progressivamente mais à passividade do que à ação. É a mensagem final de Sonia ao regressar a seu apartamento, depois de mais uma tentativa de restabelecer sua vida a dois com Cheyenne e encontrar alguns estudantes fazendo uma pequena reunião para decidir pela greve no colégio em que estudam:

Estudante 1: Vamos à greve madame.

Sonia: Formidável! (com desdém).

Estudante 2: A senhora fará a greve conosco?

Sonia: Posso ser franca? Para vocês será difícil. Embora possam conseguir um professor de história, nada mudará. Vocês passaram em seus exames de acesso à Universidade, mas isto só retardará o dia em que se encontrarão desempregados. Tentei lhes ensinar que vocês são responsáveis por suas vidas. Mas, francamente, eu não acredito mais nisso. Vocês não têm nenhum poder sobre suas existências. Decidirão muito bem por vocês. São as estatísticas. Acabou a liberdade individual, auto-realização, destino, tudo se acabou. Agora é a guerra. A guerra das bolsas de valores, a guerra econômica, ou o que vocês quiserem. Em todo caso, vocês e eu, somos apenas carnes de canhão. Vocês querem todos se manifestar. Isto vos trará de boas recordações. Vocês podem se drogar, vocês podem se destruir. Jogar jogos de vídeo, ou o que vocês quiserem. Isto é

TELA CRÍTICA

melhor do que não fazer nada. Vocês estão condenados ao ócio, à distração. E não há nada mais a fazer além disto. E se por acaso vocês tentam se revoltar, dirão que vocês são frágeis. Que suas mães não os amaram suficientemente.

[. ..]

Estudante 3: Deve haver uma boa razão para justamente a senhora nos atingir moralmente.

Estudante 4 : A senhora precisa descansar madame. Tudo lhe parece negro. É necessário ter esperança na vida.

Sonia: Oras, caia fora daqui! Estou pouco ligando para a esperança,

Com Sonia fecha-se o ciclo das vidas dilaceradas pelo capital objetiva e subjetivamente. As formas de representação e ação coletivas perdem toda a importância diante dos indivíduos e seus dramas existenciais cotidianos. Por este caminho, assim como ocorre com a maioria dos personagens centrais da trama, enraíza-se a compreensão fetichizada da realidade social, com o capital tornado onipotente. E, se resquícios de lutas coletivas existem, estas são, igualmente, percebidas de maneiras mistificadas e veículo para novos falseamentos da realidade, isto é, só servem para produzir ilusões de que, na sociedade dominada pelo capital financeiro, seja possível mudar algo de substantivo no plano da vida social. Disto decorre a leitura fatalista de Sonia e seu desespero existencial pequeno burguês, no que faz coro a Cheyenne, Edith e vários outros personagens que atravessam de modo central ou tangencial a trama do filme. Assim, ainda que ativa no mercado de trabalho, Sonia cerra fileiras com Edith e Cheyenne na compreensão de que não há saída e, menos ainda, motivos pelos quais lutar, além daquele se sintetiza na busca da paixão amorosa, no eu e na minha satisfação pessoal, uma vez que fora isto, independente da luta que se trava, o único futuro certo é o do desemprego, visto socialmente ninguém mais deter poder sobre a sua própria existência e que,

TELA CRÍTICA

consequentemente, outros decidirão em detrimento da liberdade individual e da auto-realização.

Aos diálogos diretos e crus sobre a tendência ao desemprego permanente na fase atual do desenvolvimento do capitalismo e sua predominância financeira, alinham-se, por sua vez, alguns elementos metafóricos da construção da reflexão proposta por Esquecer Cheyenne. Observe-se, por exemplo, a primeira cena do filme. Semáforos que transitam do vermelho para o amarelo, seguido pelo verde e o retorno contínuo ao mesmo ciclo de cores. Cena que se repete na parte final do filme, sem constituir, contudo, um mero acaso. Efetivamente, este elemento metafórico parece indicar a possibilidade de escolha, senão coletiva, ao menos no plano individual estrito, entre seguir ou parar de tentar seguir o fluxo da vida, pelo menos no plano da relação amorosa, visto que, fora isto, a partida já estaria definida de uma vez por todas pelo capital financeiro, as fusões, as oscilações das bolsas de valores, o desemprego estrutural e seus desdobramentos em desempregados de longa duração (pouco importando os estratos ao qual pertencem) e sua transformação progressiva em desempregados desencorajados. Ainda, na mesma cena inicial, convém assinalar o contexto que acompanha os semáforos e seu fluxo contínuo, monótono e repetitivo. Trata-se de uma paisagem vazia, tendendo ao amanhecer, e ocupada por um ser que dorme solitariamente em um banco, localizado às margens de uma avenida que aos poucos ganha movimento. Enquanto o fluxo da vida econômica e social prossegue, a monotonia da cena é quebrada pelo corpo coberto, até então dormindo de forma imóvel no banco, e que se movimenta, para assinalar que os deserdados da terra continuam vivos. Manifestação individual e silenciosa como a assinalar: “ei, isto aqui coberto não é um saco de lixo, tem vida”!. Mais uma metáfora do mundo do trabalho no plano da cotidianidade para exprimir a contradição entre os que passam em seus automóveis ou a pé, provavelmente em direção aos seus empregos (e, porque não, em busca dele) e os que o perderam, tornando-se sem teto. No corpo escondido pelo cobertor encobre-se também a identidade de quem está à margem. Afinal, por debaixo daqueles panos, encobre-se um homem ou uma mulher? Pouco importa, uma vez que o fenômeno do desemprego não tem sexo, embora possa atingir em graus diversos a força de trabalho feminina e a masculina, dentro ou fora dos marcos da economia mundializada.

TELA CRÍTICA

Vê-se, assim, que uma série de elementos possíveis à reflexão se colocam em Esquecer Cheyenne, ainda que a dimensão existencial dos personagens acentue apenas uma leitura fetichizada da realidade contemporânea. Mas, ainda aí, mesmo que podendo ser compreendido como um manifesto pequeno-burguês desesperado às condições estabelecidas pelo capital financeiro no transcurso das últimas décadas, restaria analisar até onde o comportamento individual dissociado dos vínculos sociais mais amplos e confinado a certas esferas mais unilateralizadas da vida cotidiana, não têm constituído um elemento de importância para a compreensão do envolvimento nas lutas coletivas e na construção de perspectivas que apontem para a possibilidade de se restabelecer o controle social e a fluência da vida coletiva e individual em outros patamares que não sejam aqueles dados pelos momentos de fetiche produzidos pelo capital.

[2018]